

**NEIDE, Gondim. A invenção da Amazônia, 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 340 p., 2007. (Série: Memórias da Amazônia)**

**Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto<sup>1</sup>**

**Francisco Eleud Gomes da Silva<sup>2</sup>**  
*Universidade Federal do Amazonas*

A obra *A invenção da Amazônia* teve sua primeira edição em 1994 e sua segunda edição em 2007. A segunda edição da obra, publicada pela Editora Valer, homenageia Joãozinho Trinta, que se inspirou nela para desenvolver o tema da escola de Samba Viradouro, na virada do século. Tem sido muito lida, inclusive utilizada na seleção pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), e serve de referência para intelectuais que estudam a Amazônia. A obra da autora foi utilizada também pelos bois-bumbás.

Neide Gondim fez mestrado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A *Invenção da Amazônia*, nos seus três capítulos, trata i) da constatação da habitabilidade do antimundo de modificar a ciência e o imaginário europeu, ii) de como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas e viajantes, e iii) de como a Amazônia é revisitada pelos ficcionistas europeus.

Gondim inicia mostrando o contexto histórico do final da Idade Média, diante de uma forte estruturação social e hierarquizada, e sublinha que se vivia sob o poder da Igreja Católica, ou seja, do teocentrismo. Vislumbrava-se o início do século das luzes, quando se questionaria a existência de Deus, o papa e o poder dos monarcas. O conhecimento científico passaria, então, a ser importante como símbolo de poder, via pesquisas científicas, do

---

<sup>1</sup> Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam)

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam)

aumento considerado das academias de ciência, das viagens a países distantes, sobretudo oriente e Américas. Esta enorme contribuição foi dada por Diderot e Voltaire.

O livro nos mostra duas visões acerca da Amazônia, uma retratada pelo imaginário europeu, enquanto que a outra se dá pelo contraste deste imaginário europeu com a maneira como viviam os nativos. A obra mostra a contribuição de estrangeiros na literatura de viagens em geral, tais como o português Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), os britânicos Henry Bates e Alfred Russel Wallace (1848-1859), o casal Louis e Elizabeth Agassiz (1865-1966), os alemães Spix e Von Martius (1781-1826) e George Heinrich Von Langsdorff (1821-1826). Eles fizeram com que o vale do rio Amazonas se transformasse em palco da observação e fundação das ciências da natureza e da etnologia, mas sobretudo das ciências da natureza: botânica, zoologia, hidrografia, geografia física, etc.

Muitos desses estrangeiros deixaram registros de fantasia, utopia e preconceito, o que de certa forma concorreu para avolumar o imaginário europeu mítico acerca da floresta. Contribui também, sobremaneira, para que muitas pessoas se deslocassem para cá, sobretudo com o encanto pela leitura de universo e também em busca de riquezas, o que forçava o desenvolvimento da exploração de fauna e flora.

O desenvolvimento marítimo português cresceu via expansão mercantil e colonização de povos que estavam sob jugo de Portugal. Com isso, foram diminuindo histórias de fantasia divulgadas pelos antigos e vivenciadas pelos viajantes da era cristã, e, paralelamente, comprovavam-se teorias de geógrafos e cartógrafos e, ao mesmo tempo, adquiria-se conhecimento no desenvolvimento do trabalho náutico de labor expansionista. É importante enfatizar que o motor propulsor dessas indagações, afirmações e incertezas foi o descobrimento marítimo juntamente com as transformações econômicas, sociais e políticas.

A autora analisa o etnocentrismo europeu e o seu processo de comparação do velho mundo com o novo encontrado e suas representações, além do processo de ocupação e apropriação da Amazônia. A própria noção de velho mundo nasce por sua relação com o novo mundo. No velho mundo, existem as mais diferentes visões da Amazônia em Montaigne, Buffon, Montesquieu, Hobbes, Júlio Verne, Conan Doyle, Vicki Baum. Assim, Gondim destaca que a Amazônia não foi descoberta nem construída. A invenção da Amazônia toma como referência a construção da Índia mediante a historiografia greco-romana, através de relatos de peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes.

E toma-se como referência também imaginários permeados por lendas que descreviam um mundo fantástico. A América foi impactada por europeus com objetivos

expansionistas e a Amazônia foi a confirmação desse desejo através de notícias dos primeiros europeus, dentre os quais Vicente Pinzón e Diego de Lepe, que se debruçaram sobre ela, na primeira metade do século XVI. Eles criam na existência de um paraíso terrestre perdido, semelhante ao Jardim do Éden, e o relato das viagens de Marco Polo aguça a curiosidade dos aventureiros. Marco Polo foi importante para expedições que tinham como destino a Índia, China e Ásia.

O que eterniza Montaigne é a maneira como aquela sociedade vivia, em plena liberdade e ócio. Montaigne retrata sua república de forma racional. Não se estranha nada, tudo tem um sentido de ser, da mesma maneira que os inquisidores tinham o seu. Diferentemente, Montaigne não defende o novo mundo, embora muitos o fizessem, menosprezando o homem do novo mundo. O novo homem de Montaigne é digno, tem cultura e costumes, portanto é visto como povo diferente. A natureza não é única, isso só acontece em decorrência do pouco conhecimento que é construído por uma visão falsa das coisas (GONDIM, p. 83).

A autora utiliza a história para a elaboração de sua obra. Pietro Martire d'Anguiera e Gonçalo de Oviedo, dois respeitados historiadores do novo mundo, embora o primeiro nunca tenha estado em solo nativo, foram considerados cronistas por excelência. Pietro Martire, para escrever sobre o mundo novo, valia-se das conversas com cronistas e viajantes, dentre os quais Cólón, os irmãos Pinzon e Vespucci, dentre outros. Avaliava frutas, provava-as, estudava animais, fazia análise das histórias contadas e somente depois elaborava o seu relatório. Foi através de Oviedo que a Europa teve acesso às descrições científicas das árvores produtoras de látex, do tabaco, das ervas medicinais e de alguns vegetais comestíveis.

Locke não via o nativo do novo mundo como selvagem. Ao contrário, o vê como pessoa cônica. Desmistifica, ainda, através de argumentos, a fantasiosa ideia de que reconhecia somente aos descendentes de Adão o direito da autoridade. Para Locke, o estado de natureza significa estado de selvageria. É um símbolo de liberdade a que tem direito o homem racional, mas sem lhe garantir o direito de destruir quem estiver sob suas ordens.

Para Buffon, o mundo descoberto era muito novo, portanto precisava de dominação da natureza e cultivo do solo. Essa construção racional contrasta com o século racionalista, empirista e deísta do século XVIII, época em que se baseou na busca pela causa, e queria descobrir o porquê da existência de um mundo que era habitado pelas espécies diferentes, minúsculas em relação ao velho mundo. Segundo Buffon, o clima é o grande responsável pelos animais inferiores. Ele afirmava, ainda, que por isso o nativo do novo mundo é frágil,

sem pelos, sem libido, insensível, covarde e preguiçoso, podendo ficar deitado durante muito tempo.

Vale ressaltar que suposta indolência dos índios é de suma importância para a criação da teoria do determinismo geográfico que se desenvolveu posteriormente. A parcimônia também foi usada para justificar a dificuldade de transformação regional, pela empresa colonialista, em terras amazônicas. Tinham-se os indígenas, acostumados a uma rotina de caça e pesca ritual, à pintura dos corpos, sem roupas e apenas com objetivos de subsistência, como ocioso e com atitudes consideradas preguiçosas. Os europeus comparavam a cultura das populações tradicionais a animais irracionais, sem vontade própria, vistos como obra de Deus a serem evangelizados e a partir disso poderiam ajudar na conquista.

É enfatizada por Gondim a aventura de Frei Gaspar de Carvajal, cronista da viagem de Orellana, que discorre com riqueza de detalhes o momento do encontro com mulheres amazônicas e apresenta dados sobre a possível existência delas. Carvajal descreve que a esquadra em que viajava teve de travar luta feroz contra essas mulheres, que a pauladas tentavam matar-lhes. Ele ainda afirma que as mulheres eram altas e brancas, com cabelo comprido enrolado na cabeça. Andavam nuas e praticavam a guerra como se fossem dez índios. Após um índio aprisionado ser questionado quem eram aquelas mulheres, ele afirmou que eram as Amazonas.

Disse ainda que as mulheres não possuíam maridos e que viviam em grande número; que, ao engravidar, se o filho que nascesse fosse menino era sacrificado e se fosse menina era treinada para a guerra. O relato de Carvajal é bem consistente, dando evidência de sua existência, não apenas porque ouviu o índio falar, mas porque as viram em pleno combate. Observou-se que os relatos de Carvajal se assemelhavam a relatos já bastante conhecidos na literatura greco-romana. Portanto, atualizando a temática, comparavam-se as antigas imagens do imaginário europeu com o novo mundo.

Christovão d'Acuña, cronista de Pedro Teixeira, na terceira década do século XVII, tem notícias a respeito das Amazonas, mas apenas afirmando ter ouvido dos índios a história delas, reiterando que elas viviam sós e que somente crianças do sexo feminino eram poupadas da morte, diferentemente dos meninos que eram assassinados e depois entregues aos pais. Em 1743, La Condamine desceu o rio Amazonas até a foz, com a intenção de verificar a curvatura da Terra. La Condamine, um cientista da natureza, gostaria de confirmar a existência das Amazonas, porém, ao perguntar sobre as Amazonas, alguns índios afirmaram que seus pais falavam da sua existência.

La Condamine não consegue comprovar empiricamente, porém acredita que elas possam ter se mudado para outro local. Assim, percebeu-se mudança de postura do europeu, que antes via através do discurso tradicional e fantasioso e agora começa a conhecer através da catalogação e do registro do novo. De modo que, o processo de conquista europeia foi imbricado na formação social da Amazônia, porque trouxe em seu bojo a busca de ouro, drogas, madeiras, em franca ambição disfarçada de doutrina religiosa e força de persuasão. A formação da sociedade amazônica, após o início da conquista e da colonização, misturava-se com a presença de portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses, que iniciaram modelos de colonização.

A história oficial e a própria sociedade excluíram indígenas da formação do pensamento social amazônico, colocando-os na marginalidade e não garantindo a eles direitos de ocupação da terra e direito à espiritualidade. São esses acontecimentos históricos que configuram a Amazônia como complexa, dado ter sofrido processo civilizatório miscigenado. A partir do passado, podemos compreender a realidade amazônica e verificar sua formação social em função de um espaço geográfico. Esse processo civilizatório europeu produziu a deculturação e a desfiliação identitária de povos tradicionais amazônicos. Tratou-se de uma imposição cultural identificadora de nova invenção da Amazônia, uma invenção confundida com exploração, contribuindo para a devastação do meio ambiente e para a destribalização.

Não se pode negar a riqueza substancial para o reconhecimento de uma sociedade, resultado da miscigenação de povos e culturas, e tampouco deixar de perceber também o contrassenso no relacionamento dessas culturas. Mas exploradores europeus não revelavam a verdadeira história do homem do novo mundo com o objetivo de encobrir e desvalorizar o fluido mitológico que existia e ainda tinha fôlego numa sociedade especialmente marcada pela riqueza do seu imaginário. O que houve foi um processo complexo de construção de uma realidade interessada a alguns.

No capítulo 3, Gondim discorre sobre o romance *A Jangada*, de Júlio Verne. Este romance foi narrado na Amazônia e publicado originalmente em 1881. Verne nunca esteve na Amazônia e nem no Brasil. Por sua imaginação, a partir de outros escritos, os textos foram elaborados. *A Jangada* discorre sobre a história de uma viagem executada pela família de um rico fazendeiro que morava em Iquitos. O romance é marcado por datas conexas e são incluídos na narrativa diversos viajantes, como Humboldt, Agassiz, Padre Durand, Orellana, Pedro Teixeira, La Condamine e Paul Marcoy.

A jangada sai de Iquitos no dia 6 de junho de 1852 com destino a Belém. Durante a viagem são retratadas aldeias, povoados e vilas, com informações a respeito da geografia, hidrografia, habitantes, fauna e flora, com especial atenção para as espécies de peixes e localização dos aldeamentos indígenas, por isso surge a semelhança do romance com os diários de viagem.

O *mundo perdido*, de Conan Doyle, é um romance que relata a viagem de uma expedição científica que saiu de Southampton rumo ao Amazonas. Numa região onde nunca estiveram, cheia de mistérios, dentro da selva amazônica, encontrou-se um dos mais misteriosos segredos do mundo moderno. Numa região onde vivem criaturas sem nenhum contato durante muitos de anos conseguiu-se sobreviver diante de adversidades que assolaram seus semelhantes do resto do planeta. Eles entram floresta adentro e conseguem encontrar o santuário pré-histórico, passando por muitas adversidades, sobretudo com os animais ferozes da região, dentre os quais os homens-macaco. Quando retornaram a Londres, foram recebidos como heróis de guerra por parte da população. A apreensão simbólica e cognitiva da Amazônia, portanto, existe desde a primeira chegada dos europeus no mundo novo e cada dia vem se fortalecendo e solidificando a partir de dinâmicas da sociedade global.

A autora discorre sobre a Amazônia no seu livro utilizando a teoria literária para explicar as várias visões que se tinham e continuam tendo da Amazônia. A ideia central da obra se baseia em dois conceitos que dominaram naquele momento a visão sobre a Amazônia, que é justamente a visão do exótico e do progresso. A obra *A invenção da Amazônia* é atual e imprescindível para que se tenha conhecimento sobre a região, pois retrata com rigor teórico primordial o grande motivador dos aventureiros, cronistas, naturalistas e romancistas.

A obra é atual e traz grande debate contemporâneo sobre a Amazônia. Vale destacar ainda que Neide Gondim consegue incorporar interpretações e romper, sobretudo, com interpretações elementares sobre a Amazônia. Portanto, é um livro que demonstra enfoques abrangentes, que precisa ser lido e divulgado para novas leituras sobre a região. Além de tudo, é livro fundamental para a compreensão da formação do pensamento social na Amazônia.